

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

FINAL DA HISTORIA DA TREMOLINA

POR ANÃO SABICHÃO

Interrompi a minha história na ocasião em que as crianças que me haviam apanhado, me puzeram em liberdade e eu fui ter com os meus pais — disse a andorinha Tremolina, ao pousar perto de mim. — Exactamente, minha amiguinha! E prometeste acabar hoje o lindo romance da tua vida! — tornei eu.

— Prometi e cumpro. Daí por diante, os meninos, todos os dias, me chamavam, para me dar migalhinhas de pão e faziam-me muitas festas.

Eu andava sempre esvoaçando perto deles e entrelinha-me a vê-los brincar.

Aquela terra da Madeira era linda, mas eu nunca esquecia o meu amigo de Portugal.

Assim que a primavera chegou, muito contente, abalei para lá com a minha família.

La radiante por voltar, mas fiquei muito tris-

te, ao vêr fechada a janela do quarto do Antoninho.

Inquieta, bati nos vidros com o meu biquinho. Logo vi a cabecita do meu amigo que, muito pálido, se erguia da cama.

Imediatamente, o ouvi gritar:

— Minha mãe é a Tremolina, com certeza! Abra-lhe a janela! —

A senhora correu para satisfazer o desejo do filho.

Este, ao vêr-me entrar, batia as mãos, chorando de alegria!

— Como estás grande, minha Tremolina! E linda! Mas reconheço-te bem pela tua manchinha branca. —

Pegou, depois, em mim, encheu-me de beijos, e ao constatar que eu já não tinha o bilhete, debaixo da asa, disse numa vósinha triste:

— Naturalmente perdeu-o!

Há tanto tempo que te fôste! Por onde terias tu andado?... —

Como gostaria que o Antoninho pudesse com-

(Continua na pag. 4)



O Marquesado do porco

Por LAURA CHAVES

Aquele porco roliço,
que vivia no montado,
tinha na vida um enguiço
que o punha mal humorado.

Té os olhos lhe chispavam,
ficava em fúria, demente,
quando porco lhe chamavam
porque achava deprimente.

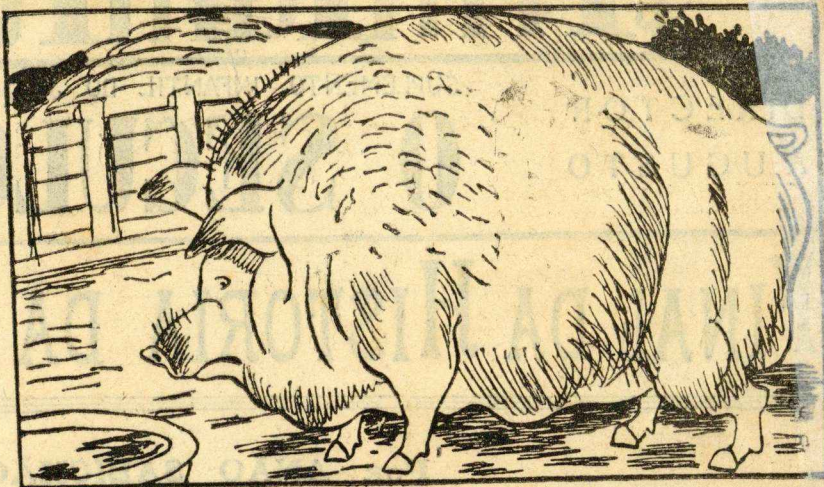
Porco! — Que palavra feia! —
Mas quem seria o mofo
que teve a infeliz idéa
de chamar porco ao suino?...

Porco?! Um tão lindo animal
de elegancia requintada
cuja forma escultural
por nenhum é igualada!

Lá porque andava, de borco,
nas poças, nos lamaçais,
êe não era mais porco
do que os outros animais!

Pois ser porco não tem chiste...
Ser suino é outra coisa!
E' a distinção que existe
entre um Melo e entre um Soisa.

Suino é de casta nobre!
O seu destino é seguro.



O porco é parente pobre
que chafurda no monturo.

Dizia: — papá, mamã —
quando falava nos pais,
sendo a mãe uma marrã
e o pai igual aos demais.

Já na infância, em miudinho,
pela sua condição
nunca fôra um bacorinho
nascera logo leitão.

Prégava o pobre idiota
mais rotundo do que um ôdre:
— A mim só me dão bolota,
a vocês dão fruta pôdre! —

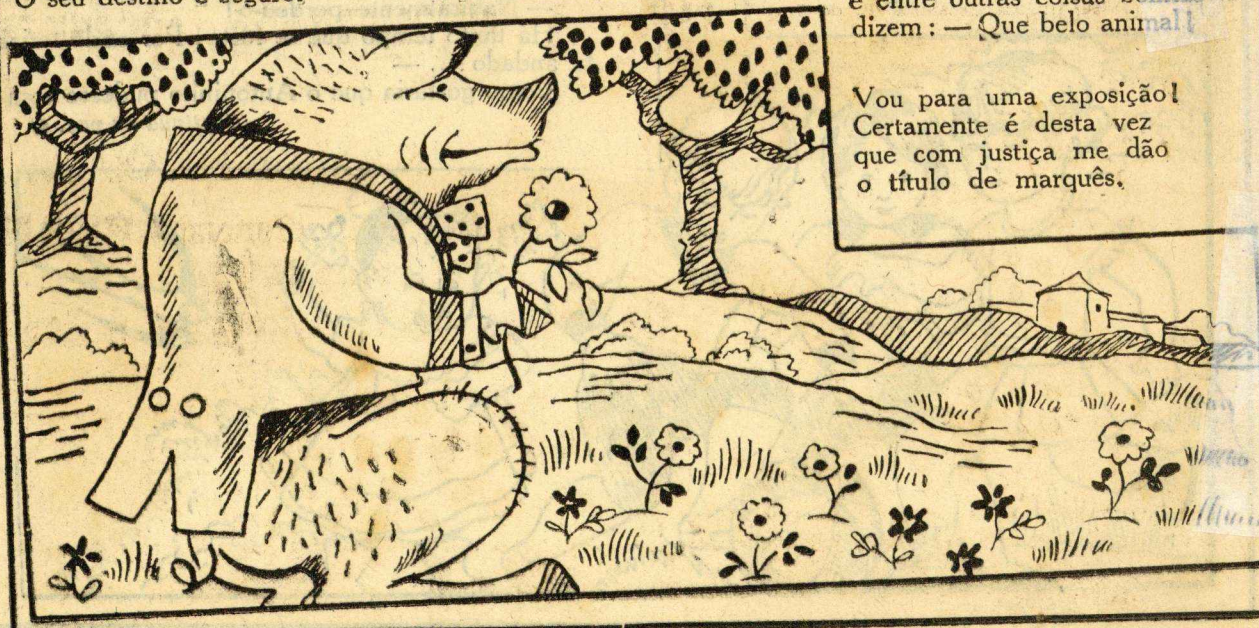
E acrescentou, altaneiro,
num ronco desafinado:
Vocês vivem num chiqueiro,
eu, á sôlta, no montado!

Que distância nos separa!
Vós, lá em baixo, eu no cimo!
Eu sou duma espécie rara,
tôda a gente me dá mimo!

Meus donos, faz gôsto ouvi-los,
pois dizem, vendo-me andar;
— Já pesa tresentos quilos
e ainda mais há-de pesar! —

Quando o patrão tem visitas
Veem vêr-me ao meu curral
e entre outras coisas bonitas
dizem: — Que belo animal!

Vou para uma exposição!
Certamente é desta vez
que com justiça me dão
o título de marquês.



DESTINOS

NOVELA INFANTIL POR
GRACIETTE BRANCO

(Continuação do número anterior)

Sentando-se, súbitamente, á secretária, Fernando começou escrevendo:

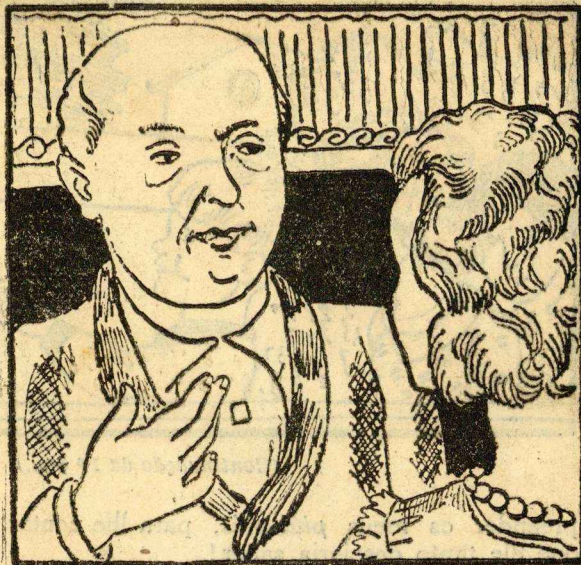
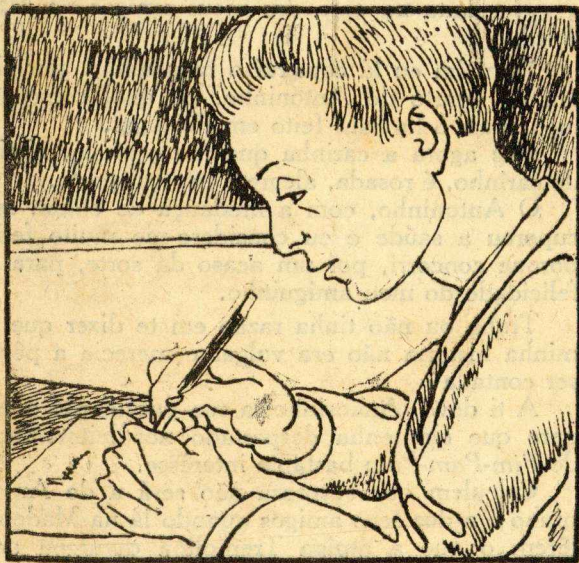
— «Meu querido Pai: Há muito que não lhe dou notícias minhas, nem recebo as suas. Alegresse, agora, com estas que vai ler: o seu Fernando, o seu Fernandito, que andava aí descalço e roto na práia de Buarcos, é hoje o secretário particular de mister Grossmith, anda elegantemente vestido, janta á mesa de seu illustre patrão e tem um automóvel ás suas ordens.

Peço-lhe, meu Pai, que leia esta carta a quanto aí me queriam mal, chamando-me ambicioso, toleirão e antipático e diga-lhes que a minha antipatia era apenas motivada por um temperamento diferente e que muito eu desejaria sabe-los com temperamento igual ao meu, para que, em vez de morrerem a pescar sardinhas, acabassem os dias, tranquilamente, sentados a uma secretária. Eu bem sei que são necessários braços para todos os misteres, mas devem sempre respeitar-se os temperamentos e as aptidões alheias.

Tenho uma ótima situação, meu Pai:

Sou estimado como filho de mister Grossmith. Que esta afirmação o encha de alegria, querido Pai e peço-lhe que veja em mim a sua própria vida, aquela vida que o Pai, infelizmente não pode realizar, mas que o seu filho conseguiu.

Dizem que os Pais vêem, nos filhos, a conti-



nuação da própria vida; portanto, meu Pai, que o meu destino encha de sol a sua abençoada velhice, como sendo a própria realização dos seus ideais.

Beijos á Mãe, aos irmãos e para si, do filho m.º amigo Fernando..»

E logo a seguir, outra carta:

— «Minha adorada Rosinha.

Não julgues que estou esquecido de ti.

Não, Rosinha: o teu olhar é a estrêla que me ilumina e me ampara..

«Já consegui alcançar, graças a Deus, uma situação mais satisfatória, mas não penses, minha querida Rosinha, que tal facto me impede de pensar nas pessoas queridas! Peço-te que me escrevas, que me contes tudo o que tens feito, e, sobretudo, que tenhas sempre muita confiança em mim.

Não posso regressar ainda a Portugal, porque quero lutar, trabalhar, para melhor situação conseguir.

Verás, minha querida Rosinha, como mais tarde hás-de abençoar o meu esforço, pela bela situação que te proporcionarei!

Mas peço-te que me escrevas. A minha vida é muito mais cheia de preocupações do que a tua e, por isso, mal me chega o tempo para trabalhar.

Adeus, Rosinha. Crê sempre na profunda dedicação do teu

Fernando».

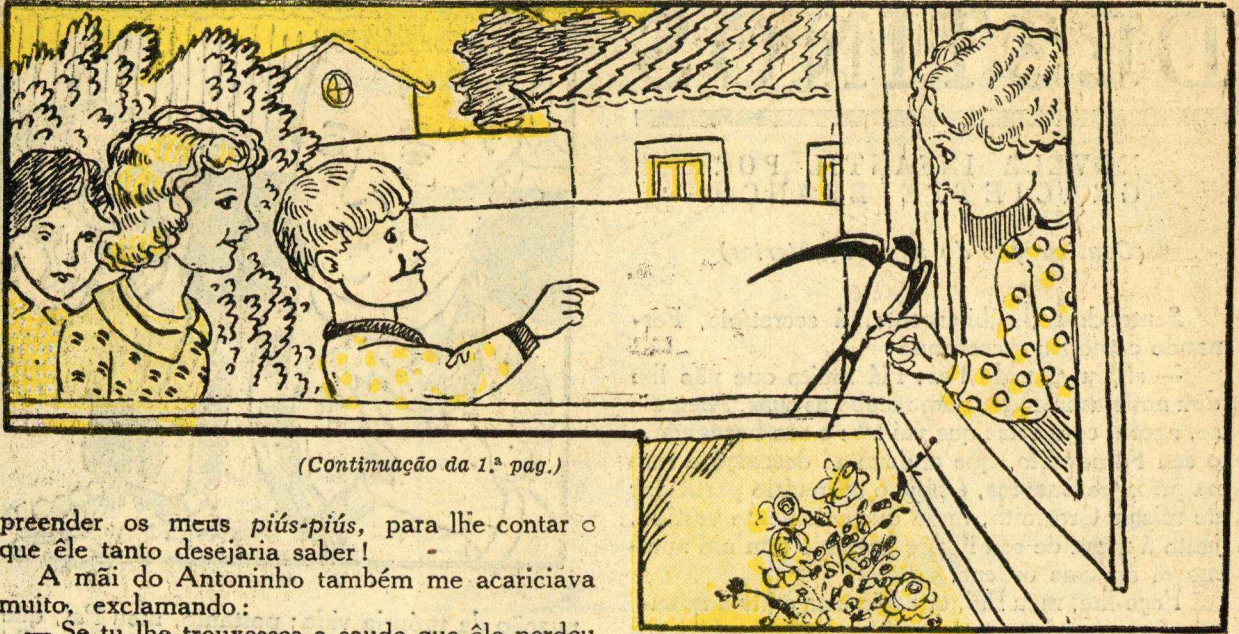
Satisfeito pelas duas cartas escritas, nas quais transparecia tôda a sua alma e tôda a sua ternura, Fernando entregou-se, afanosamente, aos seus afazeres, com o coração em Portugal e a inteligência em Londres.

(Continúa no próximo número)

A Exposição, — que enxovalho!
— nem mesmo sei se vos diga! —
foi na Praça, em certo talho,
aberto pela barriga

Talvez tenha acontecido
que eu e tu, meu leitorzinho,
lhe tivéssemos comido
o lombo, o chispe ou o toicinho.

O conceito, ei-lo, aqui está,
velho como Adão e Eva:
«Aquilo que o berço dá,
é o mesmo que a tumba leva.



(Continuação da 1.ª pag.)

prender os meus piús-piús, para lhe contar o que êle tanto desejaria saber!

A mãe do Antoninho também me acariciava muito, exclamando:

— Se tu lhe trouxesses a saúde que êle perdeu assim que tu te fôste!... —

Mas o mais interessante da minha história está ainda por contar!...

Um belo dia, em que o meu amiguinho, já convalescente, se sentára na varanda a brincar comigo, ouvi umas vozes minhas conhecidas.

Numa algazarra, perguntavam a tôda a gente que passava na rua:



— Sabem-me dizer onde mora o menino António Ramalho?...

Então, tanto piei que lhes chamei a atenção e não se descreve o entusiasmo dos meninos da Ilha — porque eram êles, — quando me reconheceram.

O Antoninho, debruçado à janela, seguia muito atento tôda a cena.

Por fim, perguntou, ansioso:

— Como conhecem a Tremolina? —

Os pequenos contaram-lhe tudo o que acontecera e ficaram radiantes ao reconhecer no Antoninho o menino que procuravam.

Apiedados pela sua doença, vinham todos os dias fazer-lhe companhia, levavam-no a passear de automóvel, para vêr se êle melhorava.

As mãis das crianças também simpatizaram muito uma com a outra, tanto que quando a família da Ilha teve de voltar, decidiu não se separar do Antoninho e da mãe.

Iriam com êles para viverem juntos e assim o doentinho teria sempre o calor de que tanto precisava para a sua saúde, enquanto a mãe seria a governanta na casa dos meus amigos na Madeira.

Também eu lá construí o meu ninho, por cima do quarto do Antoninho, tal qual como os meus pais o haviam feito em Portugal.

Mas agora a carinha que me espreita, cheia de carinho, é rosada, alegre e bem disposta.

O Antoninho, com a mudança de clima, recuperou a saúde e eu considero-me muito feliz porque concorri, por um acaso da sorte, para a felicidade do meu amiguinho.

Tinha ou não tinha razão em te dizer que a minha história não era vulgar e merecia a pênha ser contada?

A ti devo, Anãosinho, a sua publicação e espero que ela tenha despertado nos leitores do Pim-Pam-Pum bastante interesse.

Calculem que surpresa não será a do Antoninho e a dos seus amigos quando lá na Madeira lêrem o que a amiga Tremolina divulgou aos quatro ventos? —

Com estas palavras levantou vôo, perdendo-se no azul do espaço.

A cigarra e a formiga



POR
ZE D'ALDEIA

Dona Formiga, no verão,
Andava num rodopio,
Para armazenar o pão
Do tempo invernos e frio.

Tem um celeiro no lar
De belos pitéus repleto!
Tudo o que pôde encontrar,
Desde a migalha ao insecto.

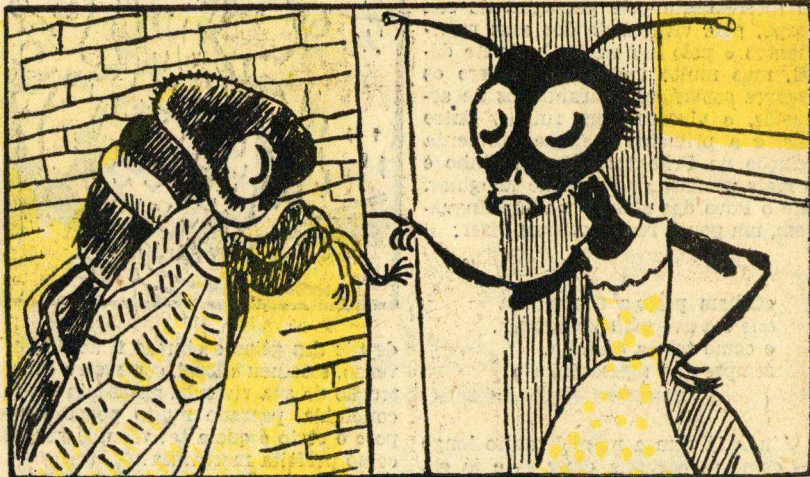
Para ter um bom celeiro
Não esbanja; tem prazer,
De vêr chegar o Janeiro,
E ter pão para comer.

Pelo seu lado a Cigarra
Não se farta de cantar...
Vive da sua algazarra
Sem no inverno pensar!

A cantar sempre viveu;
—«Trai-lari-lari-lará!»
«Para agora tenho eu,
«Para depois Deus dará!...

Por vezes Dona Formiga
Muito fina e previdente,
Vai dizendo á sua amiga:
—«Vós cantais bem, realmente,
«Mas esqueceis a barriga!...

Entretanto o inverno vem,
Foi-se a fartura do verão!



E a Cigarra já não tem
Uma migalha de pão!...

Vai procurar a Formiga
A quem diz desta maneira:
—«Oh! vizinha, minha amiga,
«Eu, Cigarra cantadeira,

«Tenho falta de alimento,
«Empresta-me do seu pão?»
«Pagarei vinte por cento
«De juros, mal venha o verão!...

A Formiga que notou
Da Cigarra a soberbia,
Assim logo replicou,
Curvando-se em cortezia:

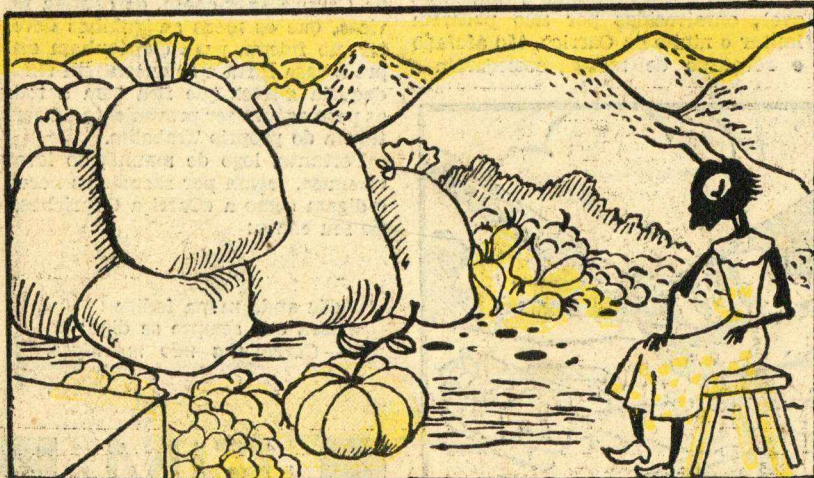
—«Nunca a ninguém emprestei
«O que a ganhar me custou,
«Para o ter eu trabalhei,
«Enquanto você cantou...

«Se tem fome, escute lá,
«Cante como no verão:
«Trai-lari-lari-lará...
«Trai-lari-lari-laráo!...

«Todo o verão a trabalhar
«Noite e dia sem descanso,
«Para o pão amearhar!...
«Se a vizinha quer cantar,
«Vamos lá! Eu por mim danço!...

«O vosso cantar me enleia...
«Ai! vizinha como é bom,
«Com a barriginha cheia
«Ao seu canto de sereia,
«Dançar eu o charleston...

Meninos! Eis um ditado,
Que não deveis esquecer!
Quem trabalha e é poupado
Não lhe falta de comer.



■ F I M ■

A Carriça Caprichosa

Por JOSE AUGUSTO DO VALE

A CARRIÇA é uma avezinha, muito simpática, de cor acastanhada, escura, com o peito um pouco amarelado. É muito interessante pela pequenez do seu corpo, pela vivacidade dos seus movimentos e pelo seu canto, bastante débil, mas muito melodioso. Prefere os lugares sombrios, emaranhados de arbustos, e vivendas em ruínas. Entre nós, é a primeira ave que apresenta criação na Primavera. O seu ninho é o mais perfeito que se pode imaginar. Até o Povo das aldeias, na sua linguagem, um pouco rude, costuma dizer:

«Olhem para a Carricinha que é a ave mais pequenina, e como tem a casinha, sempre tão ageitadinha!»

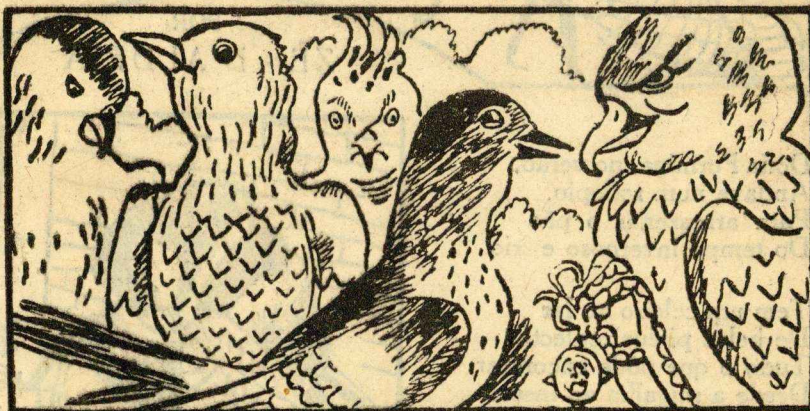
Ainda lá vem a manhã muito longe — como se costuma dizer — e já ela andada, toda afadigada, de cauda arreitada, junto dos velhos muros, comendo as larvas, e cantando a seguinte mepeia:

«Eu ando numa fadiga para que sempre se diga Carricinha não mendiga.»

Em virtude da sua pequenez e vivacidade, conta-se que, numa reunião de animais, se estabeleceu um bom prémio para a ave que apresentasse o ninho mais perfeito. Algumas, de cores variadas, começaram a cantar de satisfação, admitindo a possibilidade de serem premiadas. Outras convenceram-se antecipadamente do triunfo, contando no respeito que por elas teriam, devido ao seu «corpanzil».

A Carriça, como avezinha muito esbelta, enchendo-se de capricho, calouse, muito bem caladinha, e começou a tratar de executar o seu ninho.

Logo que vieram alguns dias bonitos,



depois dos gélos e chuvas frias do Inverno, escolheu o local, começou a construção da sua vivenda, apresentando-a, concluída, passado muito pouco tempo e o certo é que a tal vivenda surgiu como perfeita maravilha!

Terminado o prazo estabelecido, reuniu o Conselho Superior dos Animais, afim de passarem à verificação de provas. Então, quando algumas aves, mais ligeiras, haviam concluído o seu ninho, outras lhe davam os últimos retóques no fórró, e ainda outras, as mais preguiçosas, e não haviam, sequer, começado, já a nossa amiga Carricinha se apresentava com os seus filhinhos criados e bem vestidinhos, causando admiração a todos os animais que ali se encontravam.

Escusado será dizer que a única premiada foi a Carriça, cuja vivenda se encontrava no velho muro dum quintal, onde se debruçava uma grande roseira de Alexandria.

Ora, como a atitude, justiceira, do júri produziu uma grande sensação naquêlê ambiente de animais, aconteceu que algumas aves, (cheias de inveja, ou despeito, por verem que o prémio havia sido dado à mais humilde e pequenina ave), enraivecidas por não poderem imitar o ninho da Carriça, tão afogado e revestido de musgo, começaram a

desfazer no seu canto débil e mavioso, servindo-se, para isso, dos mesmos dizeres, irónicos, que os rapazes maus atribuem à voz da «Carriça Caprichosa». Estes dizeres alusivos ao canto da Carriça, e que eles comparam, sarcasticamente, aos rugidos dum leão, são os seguintes:

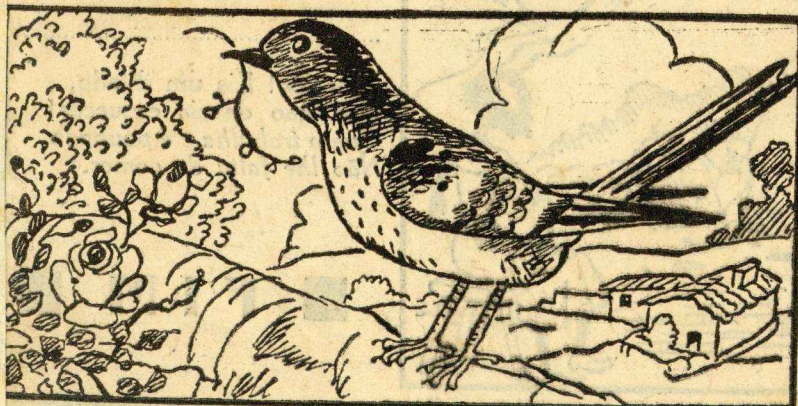
«A Carriça deu um berro, com a sua voz de ferro, toda a gente se espantou e das casas abalou. Só um velho é que ficou embrulhado num chinelo. Passou um gato e, ao vê-lo, com olhar esgazeadado supôs-se até fulminado!»

E, como estas chufas, outras lhe dirigiam.

Mas, digam lá o que disseram os invejosos e os despeitados, é a atitude da Carriça caprichosa, de cantiga maviosa, que os meus amiguinhos devem ter, no futuro, para que tenham sempre a casa farta e se encontrem cheios daquela altivez que fica bem a todas as pessoas, por ser proveniente da consciência do próprio Trabalho.

Portanto, logo de manhã, ao levantarem-se, façam por sacudir os nervos, e digam como a «Carriça Caprichosa», no seu canto:

«Eu ando numa fadiga para que sempre se diga: — Carricinha não mendiga.»



CHARADAS EM FRASE PARA OS MENINOS COLORIREM

Por HIDALGO

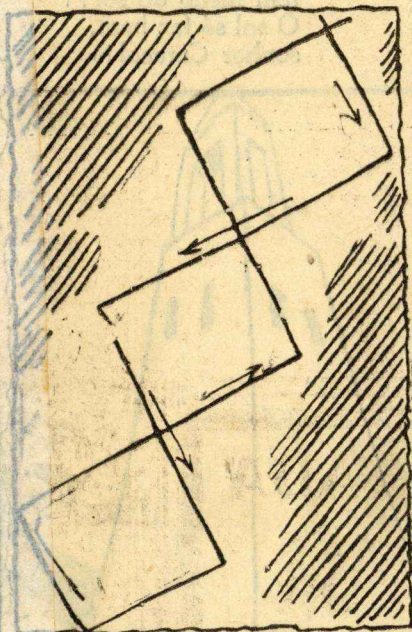
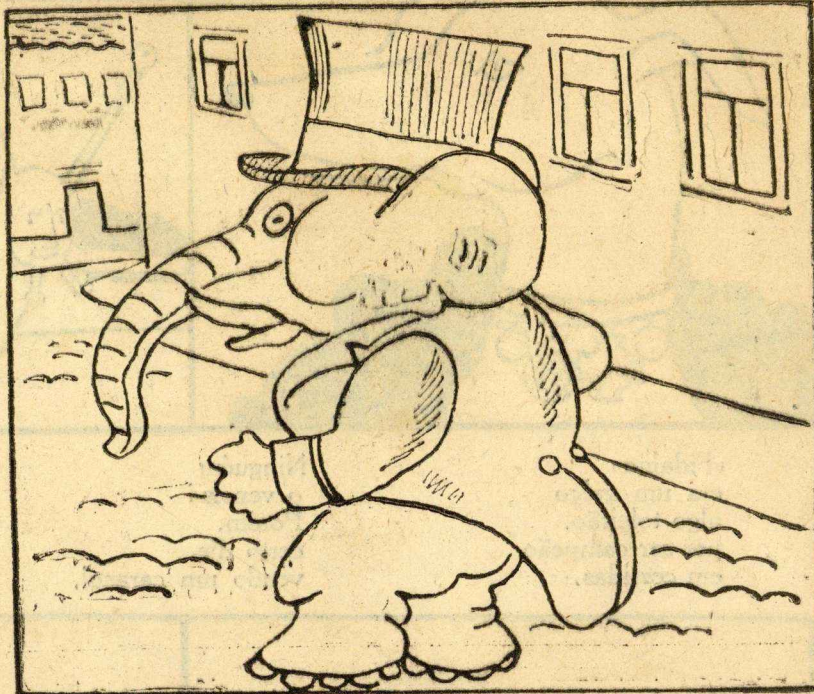
5.^a — Está averiguado que isoladamente, um homem bonito é sempre aparatoso. 2—1.

6.^a — A' Entrada do pôrto, estava um animal que fugiu para baixo do telheiro. 2—1.

7.^a — «Nota» que o planeta tem o feitiço de uma embarcação. 1—2.

8.^a — A ave depois de tomar a bebida, escondeu-se dentro do calçado. 2—1.

Solução das anteriores: 1, Piano — 2, Emilia — 3, Liana — 4, Cabrito — 5, Mouraria — 6, Camelo — 7, Movedor.



Solução do problema anterior

CHARADAS COMBINADAS

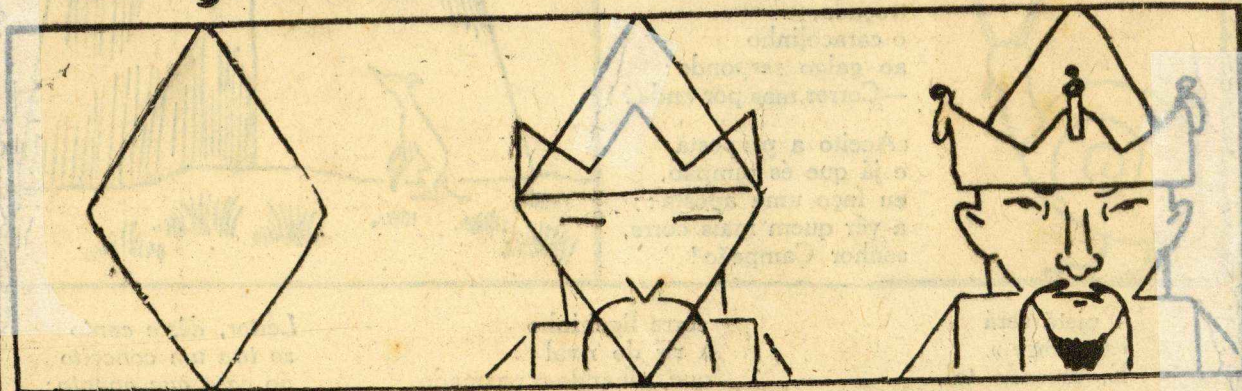
por HIDALGO

- | | | |
|----------------------|------------------------|------------------------|
| + fra — Abaixo | + ca — Formiga de roça | + ma — Cidade Europeia |
| + cé — Seda lustrosa | + tá — Papá | + do — Receio |
| + mo — Fim | + bra — Esterlina | + ca — Bagateia |
| + lo — Insecto | + lho — Tempero | + na — Mulher |

Conceito — País europeu Conceito — País europeu Conceito — País europeu

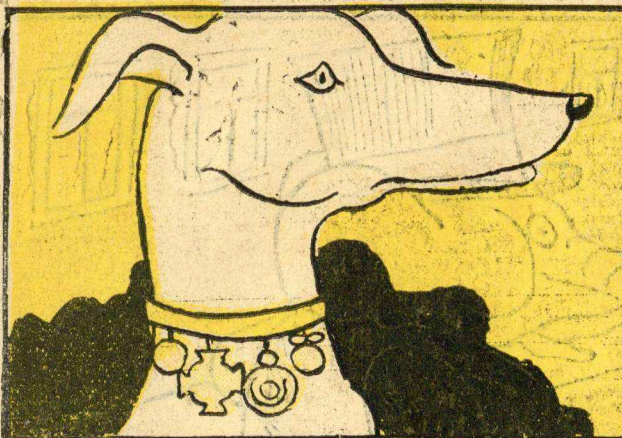
Solução das anteriores: 1 — Cadeira — 2 — Canapé — 3 — Mesa
4 — Cómoda.

LIÇÃO DE DESENHO

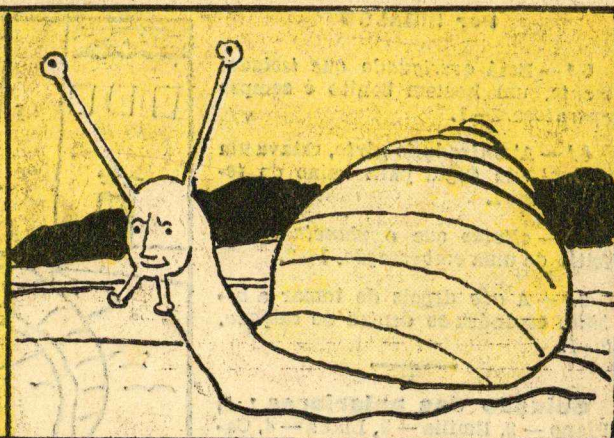


Como se desenha um chinês

O ORGULHO CASTIGADO



«Fidalgo»
era um galgo
algo toleirão,
por ser campeão
em corridas.



Ninguém
o vencia;
Porém,
certo dia,
vendo um caracol,

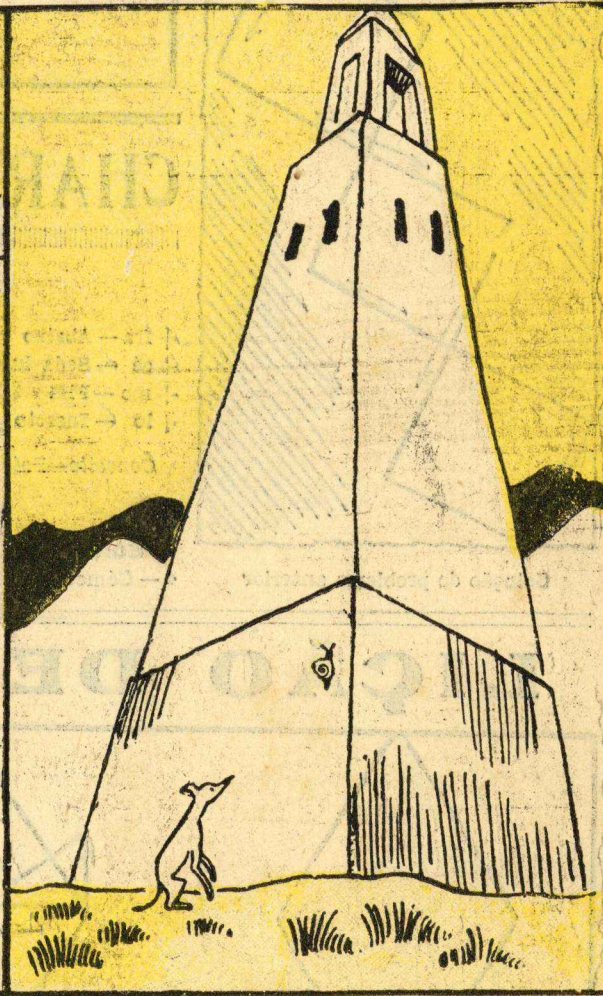
diz-lhe com desdém:
— «Vossa Senhoria
tem medo do sol?!
O sol só faz bem,
senhor Caracol!»



«Porque é que não corre
comigo?
Tem medo, o amigo,
de ficar vencido?!...
pudera!»

Então, vendo que era
troçado,
o caracolinho
ao galgo responde:
—Correr mas por onde?!

«Aceito a proposta
e já que és pimpão,
eu faço uma aposta:
a vêr quem mais corre,
senhor Campeão!



A pista será
esta tôrre.»
E, dizendo tal,
o caracolinho:
—Ah, ah ah, ah, ah!...—

corre ligeirinho
a rir do rival
que, olhando-o pasmado,
erguia o focinho,
bastante vexado.

Leitor, dêste conto
se tira um conceito
no caso que aponto;
pois só quem é tonto
se julga perfeito!